

RESENHA

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p. ISBN 978-85-9530-300-3.

Resenhado por Maria Eduarda Ribeiro Braga¹
Gersiney Santos²
Universidade de Brasília

Recebido em: julho de 2022
Aceito em: setembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i2.37377

O livro “Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo”, publicado em 2019 pela editora Letramento, contendo 124 páginas, é de autoria Gabriel Nascimento, professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). O autor baiano é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), tendo sido *visiting scholar* (pesquisador visitante) na *University of Pennsylvania*. Ele possui formação em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Tem publicadas obras de literatura e dezenas de artigos voltados a periódicos especializados.

O livro “Racismo Linguístico” é iniciado com as considerações de Lynn Mario T. Menezes de Souza, professor titular da Universidade de São Paulo (USP). O preâmbulo acrescenta reflexões

¹ Graduanda em Letras- Língua Portuguesa e Respectiva Literatura no 4º semestre pela Universidade de Brasília (UnB). Possui certificação de proficiência em inglês, o First Certificate in English (FCE), ofertado e elaborado pela *Cambridge English Language Assessment*. Atualmente, trabalha como editora e revisora voluntária na Editora Aurora. Pesquisa sobre as confluências de Dostoiévski e a teoria da tanatografia como bolsista da Iniciação Científica, sob orientação Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Júnior. E-mail: dudaribeirobraga@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Membro-coordenador do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade da UnB (NELiS); membro da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED) e da Rede Latino-Americana de Estudos Críticos do Discurso sobre a Pobreza Extrema (REDLAD). Docente do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB (CEAM/UnB), do Laboratório de Estudos Críticos da Universidade de Brasília (LabEC/UnB). E-mail: gersiney@gmail.com.

de relevância para a introdução do tema, centralizando o fenômeno do racismo em sua interface com a linguagem, escopo da publicação, a ser desenvolvido por Nascimento no decorrer do livro.

Em nível pré-textual, chama a atenção a estrutura do sumário, que apresenta uma distribuição temática fluida – recuperada na forma de organização da apresentação e do desenvolvimento argumentativo. O sumário apresenta os seis capítulos e a ideia do que cada um desenvolverá. Para tanto, o autor os organiza seguindo uma ordem de raciocínio, indo do mais amplo ao mais específico, dentro do debate proposto. No que tange aos capítulos, existem subdivisões temáticas, em um nítido exercício reflexivo para a consolidação e encadeamento dos argumentos. Tal configuração denota o esforço do autor para a consolidação de um compromisso textual-reflexivo com quem o lê, especialmente por promover um ambiente no qual a pessoa leitora avance gradualmente em direção ao entendimento da questão proposta. Trata-se de um formato discursivo estratégico: de maneira a prevenir futuros problemas na compreensão do que será defendido.

Dentro do Capítulo 1 — “Essa raça que nos dizem” —, existem oito subdivisões, em um esboço geral das ideias que serão desenvolvidas e aprofundadas ao longo do livro. Em síntese, nele, são abordadas discussões sobre o papel da linguagem como objeto de dominação, definindo o epistemicídio e o “linguicídio” como as principais ferramentas usadas pelos colonizadores para estabelecer sua soberania; o autor trata o processo de “racialização do mundo” como consequência desse movimento de dominação, delineando a partir de uma ótica branca. Para tanto, Nascimento baseia-se nos pensamentos de nomes como Achille Mbembe, salientando a origem do “signo negro” como algo artificial, criado pelo discurso da branquitude. O autor tece críticas frontais às políticas linguísticas promotoras do epistemicídio – bem como ao estruturalismo e ao pós-estruturalismo como campos de estudo que praticamente ignoram, em suas teorizações, o mencionado processo de colonização, centrada na visão eurocêntrica de mundo. Cabe citar também outro ponto interessante trazido: a natureza não neutra das línguas. Unindo-se ao que explicam Koch e Travaglia (2015 *apud* ROCHA; SILVA, 2017), o autor ilustra como toda pessoa produtora de texto (aqui, buscamos a noção do texto como materialização de uma língua, sendo ele escrito ou não) possui intenções ao construí-lo. Em outras palavras, de acordo com o professor baiano, não existe texto neutro nem muito menos inocente. Com essa ótica, Nascimento conclui o raciocínio destacando o fato de a língua possuir cor, mas também possibilidades de resistência à racialização.

No Capítulo 2 — “Frantz Fanon, Achille Mbembe e Lélia Gonzalez: intelectuais negros que abordam a relação entre linguagem e racismo” — subdividido em seis partes, nele, é discutida a inter-relação da racialização com a linguagem: mais especificamente, o racismo como produto e produtor da linguagem. É ressaltada a contribuição das três figuras intelectuais do título para a

imersão no que explica o autor sobre a dinâmica racismo-língua. Como exemplo, o autor recorre a Fanon para explorar as noções de branqueamento que ocorrem via linguagem; com Lélia Gonzalez, a concepção do pretuguês; e, por fim, as percepções de raça como signo, conforme as ideias de Achille Mbembe. Nascimento traz, durante sua crítica, a presença de alguns trechos da obra romântica “Navio Negreiro”, do poeta Castro Alves. Conforme articula o autor, dialogando com as autorias trazidas em no texto, não existe passividade a quem é atribuída a raça: tal maneira de identificar interfere na essência da pessoa racializada. A reflexão do doutor em Letras defende que, por meio do processo de racialização imposto sob corpos não brancos (no caso, aos corpos negros), o sujeito é dessubjetivado e, reiteradas vezes, reduzido a um animal, sendo mero objeto em dinâmicas de tortura, as quais Castro Alves compara a um “sonho dantesco”, um espetáculo de horrores (conforme o ilustrado na sexta estrofe da parte IV do célebre poema).³

No capítulo de número três — “Por um conceito (nosso) de racialização, racialidade e raça” —, Nascimento faz considerações, em três partes, a respeito da tríade apresentada no título do momento em questão de seu livro, embasando-se nas teorias de Mikhail Bakhtin, Frantz Fanon e Achille Mbembe. De acordo com o que defende o autor, em linhas gerais, racialização é uma enunciação que permite a segmentação dos seres humanos em raças dentro de uma hierarquia. Remontando a discussões anteriores, Bakhtin é referido por Nascimento de forma a consolidar sua argumentação quanto às relações entre poder e linguagem. A partir dos argumentos de Fanon, o escritor brasileiro coloca em evidência não somente o processo de embranquecimento forçado ao negro via linguagem, mas também o modo como a colonização dessensibiliza pessoas brancas e favorece o surgimento do que ele chama de “Hitlers”. A colonialidade, contrariamente ao que impõe a grupos não brancos, impede que a branquitude seja vista como raça, afastando-a de qualquer responsabilização pelos efeitos da racialização.

Em oito subdivisões, o Capítulo 4 — “O decolonial (preto) fala ao pós-moderno” — apresenta o que pode ser observado como o ápice da obra, tanto por suas análises mais diretas e minuciosas quanto pela complexidade resultante de tais processos analíticos. Grosso modo, Nascimento aborda as falhas nas teorias marxistas e pós-modernas, dando ênfase à necessidade de estudá-las e interpretá-las com atualizações históricas. Nas exemplificações argumentativas, a práxis é citada como justificativa para o eurocentrismo presente naqueles campos teóricos; no capítulo, o autor se posiciona de maneira ainda mais engajada, contudo deixando de lado a corrente didaticidade (esta, algumas vezes necessária devido à complexidade das conexões descritas por ele,

³ E ri-se a orquestra irônica, estridente. / E da ronda fantástica a serpente / Faz doudas espirais... / Qual um sonho dantesco as sombras voam!... / Gritos, ais, maldições, preces ressoam! / E ri-se Satanás!... (“Navio Negreiro”, de Castro Alves, disponível no Portal www.dominiopublico.gov.br).

e, antes, mais presente em sua argumentação). O pensamento do autor, no quarto capítulo, mostra-se mais fragmentado, voltando a estabelecer conexões mais explicativas quando ocorre o posicionamento sobre a práxis – ressignificando-a, ao localizá-la a partir da luta das próprias pessoas negras. Apesar da alteração no compasso argumentativo mencionada, não há prejuízo ao desenvolvimento dos pontos fulcrais da obra: pelo contrário, ao fragmentar seu pensamento, Nascimento transmite poeticidade à obra (estilo que pode despertar, entre outras coisas, emoções investigativas na pessoa leitora, que poderá sentir-se instigada a mergulhar nas entrelinhas das teorias elencadas).

Nos dois últimos capítulos, o autor baiano prepara mais alguns momentos passíveis de serem identificados como provocativos. Na quinta parte da obra — “Alguns trechos da história brasileira por uma lente raciolinguística” —, são traçados paralelos entre os estudos de Nelson Flores e Jonathan Rosa com a história brasileira, de forma a ilustrar políticas que institucionalizaram, sustentaram e ainda sustentam o racismo na sociedade. Em suas três subdivisões, Nascimento dá ênfase à manutenção do privilégio branco por meio do ensino da língua inglesa, realizando um panorama histórico para a construção de sua tese. Finalmente, no sexto capítulo — “O que fazer? Por uma outra perspectiva raciolinguística” –, Nascimento cria um resumo-análise dos temas anteriormente debatidos, dentro de três divisões, aparentemente, de forma a encerrar e consolidar sua ótica acerca dos fenômenos que envolvem o racismo linguístico. Ele destaca que a concepção do racismo é uma questão de responsabilidade das pessoas brancas, porém que, ao ser exposta, torna-se também ela uma forma de resistência. Para tanto, Nascimento embasa seu discurso na concepção da possibilidade de mudança do *status quo* ao agir através da linguagem. Ainda, segundo ele, surgiria disso, a necessidade de “racializar a branquitude”, como forma de adverti-la quanto às suas falsas noções de universalismo. Em seus últimos parágrafos, Nascimento aponta, uma vez mais, a inter-relação entre ideologias totalitárias e o racismo, conferindo à obra uma relação harmoniosa entre historicidade e contemporaneidade.

Em síntese, a obra “Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo”, ao mesclar uma argumentação técnica com um desenvolvimento crítico bastante próximo da linguagem ensaística, o Dr. Gabriel Nascimento afasta-se da escrita acadêmica hermética ou convencional, conferindo, assim, em geral, didaticidade à defesa de sua tese principal. Isto posto, delineamos com facilidade o público-alvo da obra: estudantes, docentes, pessoas em cargos de gestão, bem como quaisquer pessoas interessadas em refletir melhor sobre os processos que configuram a desigualdade racial no Brasil, e, mais especificamente, o papel fundamental da linguagem em tais cenários discursivos.

REFERÊNCIAS

ROCHA, M. S.; SILVA, M. M. P. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana*, v. 18, n. 2, p. 26-44, maio-agosto 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1866>. Acesso em: 10 set. 2020.